

VIOLÊNCIA SEXUAL: CRIANÇAS, ADOLESCENTES E TRAUMAS.

JEANNE DARLY PINTO

Graduanda em História (UEPB)
E-mail: darlyjeanne@hotmail.com

KARINA PEREIRA SOUTO

Graduada em História (UEPB), Pós graduanda em História da
Paraíba (FIP) e professora do ensino fundamental e médio.
E-mail: karinasouto06@hotmail.com

Através da análise dos casos de abusos sexuais sofridos por crianças e adolescentes relatados na obra: *Nunca contei a ninguém* organizada por Ellen Bass e Louise Thornton, tentaremos problematizar uma questão que tanto apavora as mulheres, a violência e o abuso sexual, sofridos muitas vezes desde a infância. Discutiremos a violência sob uma perspectiva pós-estruturalista lançando mão do conceito de gênero, que se propõe a analisar esse grave problema levando em consideração não apenas os aspectos físicos e biológicos que muitas vezes é utilizado para diferenciar homens e mulheres, mas as relações entre os sujeitos.

Homens e mulheres protagonizam há muito tempo uma “batalha” pela sobrevivência, e na maioria dos episódios os homens acabaram por vencer tornando-se assim, os “dominadores” nas relações de poder em que o sexo feminino sempre foi considerado como “frágil”. “Dominatores” ao ponto de sentirem-se donos das mulheres (“dominadas”) lhes negando e amputando qualquer autonomia, inclusive sobre seus próprios corpos.

Por muito tempo o sentimento de posse dos homens em relação às mulheres pareceu perfeitamente normal, tendo sempre como base sociedades conservadoras e patriarcais onde o espaço destinado à mulher sempre foi o privado, podendo esta assim ser propriedade privada do próprio homem (pai ou marido).

Entre tantas explicações que tentam justificar uma suposta inferioridade feminina em relação ao homem há algumas que nos chamam demasiadamente a atenção, como a religiosa, se forem consideradas as sociedades ocidentais *judáico-cristã* que colocam a mulher como inferior ao homem pelo fato cultural e religioso que afirma que a mulher teria sido criada a partir do homem, como argumenta Perrot:

Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranqüila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a *stasis*, a desordem. Sua fala em publico é indecente. “Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque

primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão.” Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno. (PERROT, 2007 p17).

Mas, em contrapartida as explicações religiosas vão ser as explicações biológicas que por muito tempo colocarão a mulher como ser inferior por sua própria composição biológica, que em relação à força física tende a ser mais “frágil” que o homem suportando bem menos as adversidades impostas pelo meio, inclusive a de se defender através da força.

Estando em uma situação mais privilegiada que a mulher, o homem passou a exercer poder sobre esta, que por sua vez esteve inércia por muito tempo na maioria das situações. Isto, porém não implica dizer que a mulher esteve satisfeita e conformada com a posição de inferioridade que a ela fora reservada. A mulher esteve sempre tecendo estratégias para se relacionar com o homem através do poder, havendo assim ao invés de “dominador” e “dominada”, relações de poder entre o masculino e o feminino, conforme afirma Oliveira:

A desbiologização dos sexos e a incorporação dos gêneros masculino e feminino como categorias analíticas nos leva a perceber a relação entre estes como elemento relevante no estudo das sociedades. Isso porque, partindo do princípio de que as diferenças hierarquizadas entre os sexos são atribuições sócio – culturais, identificamos com maior nitidez (pelo menos a nível imediato) o funcionamento estrutural constituído pelas próprias relações de poder. (OLIVEIRA, 1995, p. 42),

Mas, a violência permeou o cotidiano feminino em várias épocas e sociedades, e atualmente por mais retrógrado que pareça este problema continua mais contemporâneo do que nunca, com uma pequena diferença, hoje há uma luta pública contra toda e qualquer forma de violência contra a mulher. Esta luta foi iniciada como o movimento feminista na década de 1960 e tem continuidade até os dias atuais

Ellen Bass e Louise Thornton são exemplos da luta feminina contra a violência, com esta obra que relata os abusos sofridos por crianças e adolescentes na América do Norte e Europa, mas que provavelmente qualquer pessoa que tenha sofrido a violência de um abuso sexual, seja na infância ou na vida adulta pode sentir identificação com os casos citados no livro. Elas exprimem a necessidade de se discutir o problema para que sejam encontradas possíveis soluções que venham banir toda esta tortura que ainda afeta a sociedade, a violência e o abuso sexual principalmente contra crianças, adolescentes e mulheres.

Os casos reais relatados por elas são expostos com a intenção que possa vir a chamar a atenção e a abertura de novo olhar para um fato muito grave: o silêncio das vítimas, que por motivos variados recolhem-se e sofrem muitas vezes durante toda a vida, sentindo-se culpadas pelo que lhes acontecera ainda na infância, gerando problemas de todas as ordens e doenças psicossomáticas.

Um dos pontos em comum nos relatos é justamente o medo que as vítimas sentem de serem vistas como culpadas porque é assim mesmo que elas se sentem: culpadas pelo que lhes aconteceu, pelo que foi feito a elas. Outro ponto enfatizado na obra é o fato de que os abusos sexuais são cometidos sempre por pais parentes ou pessoas muito próximas, o que só faz aumentar ainda mais o sentimento de culpa das vítimas devido à relação de “afeto” existente entre vítima e agressor, como se pode observar neste relato.

Começou para mim, no verão, quando tinha quatro anos de idade (...) Desta vez, quando me chamou, pegou o cachorro que gostava de mim e me protegia e trancou-o na cozinha. Suas mãos me despindo, nesta ocasião, eram ásperas e raivosas; sua voz, brusca e maldosa. Fiquei com medo e lhe fiz uma pergunta. Com uma bofetada rápida, ele me silenciou. Estava acostumada a ser molestada naquela casa, mas não com aquele estranho comportamento. (BASS et *alli* 1983 p 94)

Aqui o abuso se inicia muito cedo e é o pai quem o comete. A criança estranha o comportamento violento do pai, pois a própria ela estava acostumada com o abuso, mas, com outro comportamento “menos agressivo”. O mais importante: a mãe era conivente e não reagia a nada se mantinha inércia. A vítima chega a acreditar que talvez a mãe também tenha sido molestada quando criança, para ela só isso justificaria tal comportamento. E só depois de vinte e seis anos é que ela consegue falar sobre o que aconteceu.

Uma gama de sentimentos surge quando uma criança é violentada, e esta confusão de sentimentos aumenta a culpa principalmente pelo fato da criança acreditar que uma pessoa tão próxima e por quem ela nutre um sentimento tão bom não tenha a intenção de lhe fazer algum mal. Daí surge o medo de contar, a vergonha e todas as seqüelas que se seguirão.

Escondido sutilmente por trás das relações em família sempre enfatizadas como essenciais para uma boa formação, este mal que afeta meninas e mulheres é responsável por mudanças comportamentais, e conseqüentemente graves problemas psicológicos, que resultam em doenças psicossomáticas, prejudicando muito a mulher. A violência sexual é o tema central das organizadoras de Nunca contei a ninguém, porem, aqui trataremos da violência de gênero que acaba por aglutinar todos os tipos de violência que afetam o sexo feminino. GROSSI argumenta sobre esta questão da seguinte maneira.

O estupro é uma violência de gênero, podendo ser considerado uma extensão das desigualdades sociais construídas historicamente entre homens e mulheres. Entretanto, existem divergências teóricas sobre o conceito de violência de gênero. Há pelo menos duas grandes linhas de argumentação teórica neste sentido: uma

centrada na opressão das mulheres pelos homens, e outra, que defende a ambigüidade das relações entre homens e mulheres. A primeira considera a violência como uma das formas em que se configura a dominação masculina e a segunda parte da perspectiva de que a violência é inerente ao vínculo afetivo/conjugal. (GROSSI, 1995 p.5).

A historicidade da violência contra o sexo feminino abre um leque de indagações quando são levadas em consideração a cultura, o contexto e o evento, e haverá sempre os que afirmam que a mulher provoca e seduz o homem e por isso ele se torna agressivo não contendo seus instintos, sendo ela a única responsável por qualquer tipo de violência. A degradação da mulher, e sua suposta inferioridade que acaba sendo definida por sua sexualidade acabam transformando-a em culpada ao invés de vítima.

Violência doméstica, violência psicológica, violência sexual e mais tantos outros conceitos de violência que se referem às mulheres acabam acontecendo o tempo todo em todo o mundo e a discussão em torno desse tema parece ser muito grande, mas é absolutamente comum ainda acontecerem assassinatos de mulheres por falta de denúncia das mesmas quando das primeiras agressões sofridas.

Por muito tempo as mulheres deixavam de denunciar porque tinham medo de serem humilhadas nas delegacias, ou de exporem sua intimidade. Isso acabava causando um sofrimento ainda maior em suas vidas e o fator violência não era resolvido, os agressores continuavam impunes e isso ainda podia acarretar ainda mais violência para aquela que denunciasse.

Com a criação da delegacia da mulher em 1985 no Estado de São Paulo, especialista em lidar com crimes cometidos contra mulheres a denuncia pareceu mais apropriada. Com pessoas especializadas no trato deste tipo de crime, passou a acontecer menos humilhação ou constrangimento. Mas, a impunidade também afasta as mulheres da denuncia; com medo de que o agressor não seja punido e volte para se vingar, as mulheres deixam de denunciar e acabam sofrendo caladas.

O silêncio de muitas mulheres tem motivos variados, mas o mais comum na maioria dos casos é o medo. Medo de sofrer novas agressões, medo de não ser acreditada, de ser abandonada por ter muitos filhos do agressor, medo de ser apontada na rua e que ao invés de vítima seja vista como culpada pela agressão, carregando o sentimento de culpa. Como neste caso:

(...) no dia nove de fevereiro de 1992, Maria Aparecida Donizete de Oliveira foi assassinada pelo ex-marido, depois de ter dado queixa na Delegacia de Defesa da Mulher, em Santos. (TELES, 1993 p 137)

E esse silêncio se inicia na infância quando ocorre o maior número de abusos sexuais. O agressor sempre pede segredo à criança, induz ela a não contar a ninguém sobre o que aconteceu, a partir de então se inicia uma tortura psicológica que afeta a vida da menina e da mulher de uma maneira generalizada. “Revelar um incidente é expor sua insignificância. Contar para alguém é desmoralizar-se perante si mesmo e os outros”. (BASS et *alli*, 1983 p 3).

Por causa de tantos “segredos” guardados desde a infância a mulher passa a ter problemas muito sérios durante toda sua vida. Problemas para se relacionar são muito frequentes em vítimas de abuso sexual, algumas desenvolvem verdadeira aversão a homens, a androfobia, ou à mulheres, dependendo de quem cometeu o abuso. Pois é, existem casos também em que mulheres abusam de crianças, como neste:

Quando me dava banho, mandava que eu me deitasse sobre as costas, na banheira, e abrisse as pernas. Separava meus genitais com seus dedos. Primeiro ela usava um paninho, e depois passava a usar a própria mão, o que era bastante doloroso, pois tinha unhas compridas. (BASS et *alli*, 1983 p 123).

Este é um dos casos mais intrigantes, uma menina abusada por sua própria avó desde os cinco anos de idade. Ela chega a acreditar que talvez a avó saiba que ela se masturba a noite em sua cama e por isso a castiga, o prazer que sente ao tocar o próprio corpo gerando culpa e conformismo com a agressão sofrida pela avó.

Vê-se aqui mais uma vez manifestado o sentimento de culpa que aflinge as vítimas de abuso sexual, pois por mais que estejam sofrendo ainda podem acreditar que também têm parte nesse sofrimento ou até mesmo que são as únicas culpadas.

A aversão a quem praticou a violência na maioria das vezes é acompanhada por uma aversão ao gênero, neste caso, a repulsa passa a acontecer em relação a mulheres, mas quando o agressor é um homem, o que acontece na maioria dos casos, a androfobia é muito comum.

Problemas de relacionamentos como a falta de prazer nas relações sexuais, problemas de afetividade e até a busca por parceiros do mesmo sexo como forma de ficar o mais distante possível das lembranças que teimam em nunca irem embora, costumam acompanhar quem sofreu os abusos.

Em alguns casos a violência acontece numa idade tão tenra, que a criança “esquece”, porém as lembranças ficam armazenadas no inconsciente causando sensações e sentimentos desconfortáveis e de sociabilizarão como pesadelos e timidez; daí a pessoa passa a lembrar de coisas que gostaria que fossem apenas mais um pesadelo, quando descobre que são reais, e uma nova fase se inicia.

Contar a alguém o que aconteceu e tentar resolver este problema com o passado não é fácil; primeiro, as pessoas envolvidas no caso tendem a afirmar que a vítima quando criança teria sido muito fantasiosa e que, portanto, inventou a história, depois, não há mais como provar, o que fazer então?

Alguns órgãos como as DPDM e o Conselho Tutelar foram criados em defesa da mulher e também da criança e do adolescente, mas ainda assim há uma insegurança total por parte da criança ou da mulher que sofre com a violência, e não se sentem protegidos ao procurar ajuda, e este é um dos motivos do porque as vítimas continuam cultivando o silêncio.

Silenciar significa muitas vezes, sobreviver. A terceira maior causa de mortes entre mulheres no Brasil é o homicídio e a maioria desses homicídios são cometidos por companheiros ou ex-companheiros. Por medo de sofrerem mais agressões devido a impunidade, as mulheres decidem por calarem-se.

Quando alguém vê um casal discutindo ou presencia até mesmo as agressões físicas decide que “em briga de marido e mulher, ninguém mede a colher.” Isto funciona quase que como lei, ou seja, o homem tem o direito de agredir simplesmente porque “a mulher é sua”. Vejamos então este caso:

A violência foi aumentando, era preciso um argumento mais forte para convencer os que assistiam. E foi o que ele fez. Usou outro argumento. “Ela é minha esposa. Não se metam!”. (...) Tantas pessoas e Solange solitária! Nenhuma ajuda! Presentes estavam a convivência, a impunidade, e a indiferença à violência contra a mulher. (UNIÃO DE MULHERES DE SÃO PAULO, 2007 p 33).

Este caso trata do estupro e assassinato de uma garota de quinze anos. Uma garota negra foi assassinada na frente de muitos, depois de ter sido violentada e ninguém a socorreu. Ela não era sua esposa mais ele usou o argumento porque sabia que por este motivo ninguém ousaria impedir o que estava acontecendo. E fica então a pergunta das mulheres de São Paulo: “Certidão de casamento é atestado de óbito?”.

O movimento feminista no Brasil contribuiu bastante para que fossem abertos os olhos de uma sociedade conivente com a violência praticada contra as mulheres. Nos anos sessenta quando as feministas lutavam contra a violência doméstica, dizia-se que elas queriam imitar as européias em tudo, pois, violência doméstica só acontecia lá na Europa.

Depois que uma mulher de classe média alta denunciou o marido branco, instruído e de classe média por agressão, abriram-se os olhos da sociedade e das autoridades, pois até então se acreditava que apenas homens pobres, negros e sem instrução seriam capazes de cometer esse tipo de crime. No entanto a convivência por parte da sociedade continuou e o problema passou a

ser tratado como uma coisa rara, ou seja, que só acontece uma vez ou outra, e ainda pior, quando a própria mulher provoca.

A violência contra a mulher perpassa vários setores da sociedade desde o público, como é o caso do assédio sexual, ao privado quando ocorre a maioria dos abusos contra crianças e as agressões contra a mulher, dentro da própria casa e por pessoas muito próximas. Desde a família ao trabalho, e assim vão se concretizando estatísticas não muito animadoras como esta: Uma pesquisa realizada pelo jornal folha de São de Paulo no ano de 2004 mostra que 20 por cento das mulheres são alvo de estupro, e que a cada cinco mulheres no mundo, uma será vítima ou sofrerá tentativa de estupro até o fim de sua vida. (Folha de S.Paulo, seção Mundo, 06/03/04).

Todos os dias milhares de meninas e mulheres são violentadas no mundo inteiro e a família e a sociedade acabam sendo coniventes com toda esta violência às vezes sem nem mesmo se dar conta. Ler as notícias e acreditar que acontece é uma coisa, acontecer consigo ou com alguém da sua família é outra completamente diferente.

É lastimável o fato das pessoas acordarem para uma realidade tão cruel apenas quando um fato desses acontece com alguém de sua família ou pessoa muito próxima, pois enquanto faz-se de conta que há proteção na família, na igreja, na polícia ou no Estado, que são instituições que deveriam proteger, este tipo de crime continua fazendo cada vez mais vítimas.

A prevenção contra toda esta violência vivenciada por crianças, adolescentes e mulheres deveria ser orientada e iniciada dentro do próprio lar, mais ao invés de proteção as vítimas se deparam com a negligência. A naturalidade com que pais, parentes e “amigos” abusam sexualmente chega a impressionar através dos próprios depoimentos que os agressores dão quando seus crimes são desvendados e estes têm que responder.

Em muitos casos a vítima permanece mantendo sempre algum vínculo com o agressor devido à impunidade e negligência, sem o apoio da família sente-se sozinha e sem nenhuma estrutura para lidar com o problema, já que na maioria das vezes ao procurar a ajuda da família o que se encontra é o silenciamento, ocorrendo assim um silenciamento intra-familiar. A vítima criança também nem sempre consegue ajuda de órgãos como o conselho tutelar, se for menor de quatorze anos faz-se necessário a confirmação da queixa pela família.

Em muitos casos os parentes preferem o silêncio para não causar escândalos no seio familiar, não confirmando a denúncia e deixando a vítima numa situação ainda pior. Agora além da violência, há o constrangimento, o medo da represália por parte do agressor e a culpa por está colocando a família numa situação constrangedora.

Outro mito é de que as crianças denunciam quando se sente ameaçada pela violência. O fato é, muitas vezes, o oposto: as crianças podem não falar por medo de violência contra si ou contra alguém que amam. Elas também não rompem o silêncio quando temem censura e/ou têm medo de acarretar a ruptura da família. (BRAUN, 2002, p17)

O abuso sexual infantil é considerado um problema de saúde pública, pois causa um grave impacto sobre a saúde da mulher, representando uma grave violação dos direitos humanos das mulheres, visto que a mulher tem o direito a uma vida sexual satisfatória livre de adquirir doenças, livre de violência ou risco de gravidez não desejada.

A violência nem sempre é fácil de ser comprovada já que nem sempre a vítima sofre violência física, o abuso é definido como uma situação em que a criança é usada para satisfação sexual de um adulto.

O Brasil foi o pioneiro na implantação de uma legislação em termos de proteção integral da criança e do adolescente, organizada na década de 1990 o ECA (Estatuto da criança e do adolescente) foi uma das maiores conquistas da sociedade e foi além disso fruto de muitos anos de mobilização de diversos setores sociais.

